

**Inspere Instituto de Ensino e Pesquisa  
Faculdade de Economia e Administração**

**Ellen Lee**

**Posição da mulher na economia moderna: Desigualdade de gênero no mercado de trabalho tendo em vista a educação**

**São Paulo**

**2018**

Ellen Lee

**Posição da mulher na economia moderna: Desigualdade de gênero no mercado de trabalho tendo em vista a educação**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel do Insper - Instituto de Ensino e Pesquisa. Orientador: Prof. Dr. Fernando Ribeiro Leite Neto– Insper

**São Paulo**

**2018**

Lee, Ellen

Posição da mulher na economia moderna: Desigualdade de gênero no mercado de trabalho tendo em vista a educação. / Ellen Lee – São Paulo, 2018.

Monografia: Faculdade de Economia e Administração. - Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ribeiro Leite Neto.

1. Diferença Salarial. 2. Gênero. 3. Educação.

Ellen Lee

**Posição da mulher na economia moderna: Desigualdade de gênero no mercado de trabalho tendo em vista a educação**

Monografia apresentada à Faculdade de Economia do Insper, como parte dos requisitos para conclusão do curso de graduação em Economia.

Aprovado em Junho 2018

**EXAMINADORES**

---

Prof. Dr. Fernando Ribeiro Leite Neto

Orientador

---

Prof. Dr. Vinícius De Bragança Müller e Oliveira

Examinador

## Resumo

A economia tem passado por vários momentos ao longo da história. A mulher tem aumentando sua presença no mercado de trabalho e, portanto, sua função na sociedade tem se mostrado como um fator essencial para a compreensão da economia moderna. Entretanto, ainda se percebem desigualdades enfrentadas pelas mulheres na sociedade moderna. Este estudo tem em objetivo averiguar, a partir de dados e literaturas sobre o assunto, a posição da mulher na economia moderna e analisar se há de fato essa desigualdade de gênero no mercado de trabalho levando em consideração à educação. Ainda, buscam-se os possíveis motivos para essas disparidades.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero, educação, economia feminista, mercado de trabalho.

## Abstract

The economy has gone through several changes throughout history. Women have increased their presence in the labor market and therefore their role in society has been shown to be an essential factor in understanding the modern economy. However, inequalities faced by women in modern society are still perceived. The purpose of this study is to investigate, from data and literature on the subject, the position of women in the modern economy and to analyze if there is in fact that gender inequality in the labor market considering education.

Keywords: Gender inequality, education, feminist economics, labor market.

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2. Revisão de Literatura .....</b>	<b>10</b>
<b>3. Gênero, Mercado de Trabalho e Setores de Atividade Econômica .....</b>	<b>17</b>
<b>4. Considerações Finais .....</b>	<b>24</b>
<b>5. Referências.....</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a mulher exerceu diversas funções na sociedade. A mulher tem passado por desde opressões e discriminação à oportunidades de emancipação trouxeram transformações progressivas e questionamentos do poder relacionado ao gênero. No século 20, em todos os países pôde ser constatado que houve um aumento significativo da mulher no mercado de trabalho e mesmo assim, grande parte delas ainda tem que lidar com responsabilidades familiares. Em um estudo de Hersch & Stratton (1994); Alvarez et al. (2006), Lundberg (2008), Madalozzo et al. (2008), Gupta & Ash (2008) constatou-se que é esperado que as mulheres inseridas no mercado de trabalho cumpram suas responsabilidades familiares do lar. A mulher foi um dos agentes atuantes na economia moderna, mas sua colocação ainda parece estar em segundo plano e por isso é tão importante a contribuição da Economia feminista na sociedade.

De acordo com Feber e Nelson (1993, 2003), o gênero parte de experiências adquiridas na fase inicial do desenvolvimento da pessoa, associando a figura paterna ou materna à determinadas tarefas, atitudes, direitos e benefícios, que são reforçados e internalizados como um hábito quando adultos. Assim, na sociedade há uma generalização de quais objetos, personalidades, atividades e capacidades são tidos como feminino, masculino ou até neutros.

O problema surge quando determinadas classificações de gêneros se tornam valorativas, ou seja, quando estas generalizações a um certo gênero passam a se associar como positivas ou negativas. Esse transtorno, conhecido como dualismo hierárquico, é o que os estudiosos Jennings (1999), Nelson (1996) e Domínguez Martín (2001) consideram como a concepção dominante do gênero na economia e na sociedade moderna.

O termo dualismo refere-se ao fato de que o masculino e o feminino são considerados como opostos, já o termo hierárquico alega que o masculino tem um maior status e valorização em relação ao feminino. Desta forma, as personalidades ou ambientes catalogados como feminino adquirem automaticamente como inferiores ao masculino. Conseqüentemente, uma mulher que realiza algo considerado como tradicionalmente masculino é visto com aprovação e uma ascensão social, enquanto os



homens que realizam tarefas socialmente tidas como femininas é visto com suspeitas, reprovações e as vezes até há uma taxação como "afeminado".

Os economistas feministas consideram que a Economia, precisamente, a corrente tradicional está construída na base do dualismo hierárquico. Os conceitos e modelos econômicos destacam em sua maioria das vezes valores e ideias associados com o masculino, ignorando os aspectos que são considerados femininos. A concepção tradicional da Economia privilegia os bens e serviços providos do mercado e pouco reconhece os da esfera doméstica.

De acordo com os feministas, a noção de "agente" pressupostos nos modelos econômicos tradicionais se contrapõe com a verdadeira essência humana. Nelson (1996) afirma em relação ao homo economicus da teoria clássica, que o "agente" surge totalmente formado, com preferências totalmente desenvolvidas e totalmente racionais, além de não depender de nada e de ninguém, seu modo de interação ocorre através de um mercado ideal e portanto, o homo economicus é um personagem de um rom ance, no qual não se conecta com a natureza nem com a sociedade. A Economia feminista considera que as características do homo economicus e do seu ambiente não refletem com as pessoas no mundo real, cujas circunstâncias não se encontram sob seus controles e contam com poucas oportunidades para realizar verdadeiras escolhas.

Um ponto importante é que não se deve tomar como sinônimos a Economia feminista com a Economia do gênero. Enquanto a Economia do gênero apenas incorpora o gênero na teoria Econômica tradicional, a Economia feminista parte da noção mais ampla do ser humano, da sociedade e do meio ambiente, que tem mais a ver com a realidade. A Economia feminista oferece ferramentas para abordar os vários problemas da Economia da atualidade.

A Economia feminista avalia a economia como uma ciência que possibilita os recursos e as exigências dos agentes. O enfoque na Economia feminista é mais amplo, ela aborda outras situações e mecanismos alternativos, como por exemplo bens e serviços prestados dentro de uma família, como o cuidado de crianças ou de doentes. Já a Economia moderna ignora as atividades providas de uma atmosfera privada e íntima da família.

Um fato a ser destacado é que a Economia feminista tem mostrado os diversos problemas com as contas nacionais, como a medida para o PIB, pois muitas

contribuições realizadas por mulheres e por outros grupos sociais são desvalorizadas e ignoradas.

Portanto, a Economia feminista é essencial para entender a Economia moderna, uma vez que estuda as distintas restrições institucionais que afetam, restringem ou habilitam o acesso das pessoas à uma determinada ocupação, discutindo os problemas da realidade.

## 2. Revisão de Literatura

A economia tem passado por várias vezes revisões e críticas profundas. A crítica de Tony Lawson, que diz que dentre várias correntes da economia, como por exemplo, a evolucionista, a austríaca, a keynesiana e uma das mais recentes, a economia feminista, ela se distingue das outras correntes de pensamento econômico por se tratar de acordo com Lawson:

...antes que nada se preocupa com as mulheres como sujeito... adota um foco e uma orientação particular para a discussão da posição social das mulheres (e de outros grupos minoritários) dentro da sociedade e da economia. Este enfoque... centra sua atenção nas causas sociais por trás da opressão ou discriminação da mulher (e de outros grupos), as oportunidades para a emancipação ou transformação progressiva, as questões (e relações) de poder e estratégia... (assim como outros temas) que historicamente foram relacionados ao gênero, como o cuidado de crianças e a natureza da estrutura familiar em diferentes contextos. LAWSON (2006), pág.501

Uma vez que a economia feminista se preocupa em analisar o impacto do gênero na economia, primeiramente é necessário compreender o que se é entendido por gênero na economia feminista. Eles consideram gênero, de acordo com Barker (1999) como construção cultural ou linguística.

Como citado anteriormente, Feber e Nelson (1993, 2003) mencionam que o gênero parte conhecimentos e experiências que a pessoa passou durante seu desenvolvimento, associando o pai e a mãe à determinadas tarefas, reforçados e replicados na sociedade, havendo uma generalização do que é feminino ou masculino. Estes valores passam a se tornar positivos ou negativos, acarretando no dualismo hierárquico, como referem os

feministas, o conceito dominante do gênero na economia moderna, de acordo com Jennings (1999), Nelson (1996), Domínguez Martín (2001).

Neysmith e Reitsma-Street (2005) mencionam que uma contribuição da Economia feminista seria de considerar a economia como uma ciência que assegura os recursos e garante as necessidades dos indivíduos. O feminismo enfatiza o que e quantos bens e serviços são produzidos e consumidos em uma economia, e quais são necessários para satisfazer uma sociedade e como eles são obtidos.

O termo feminização decorre quando em uma profissão, há uma mudança das normas institucionais e uma desvalorização monetária (salário) ou burocratização das tarefas. A feminização tem tido casos empíricos, como por exemplo na Argentina, onde houve um processo de feminização da profissão de ensino-pesquisa. Foi obtido de que o que mais afetou para a precariedade da profissão foi o motivo econômico. Em Véase Perona (2009) e Juárez Jerez et al. (2010), é declarado que o salário do docente sofreu um declínio dramático em termo real desde 1990 e apenas em 2006 houve uma recuperação lenta. Foi averiguado que a queda no salário real do ensino superior foi muito maior que no salário médio do País. Portanto, esse registro pode ser relacionado com a feminização devido a verificação de uma forte relação negativa entre a inserção da mulher no mercado de docente no ensino superior com o nível salarial do setor, o declínio dos salários em 1980 a 1990 e sua estagnação nos anos de 1990 a 2000 coincidem com o crescimento de entrada de mulheres no corpo docente do ensino superior. Também foi obtido as mesmas conclusões com outros indicadores, como a comparação com uma escala de retribuição em outras profissões que requerem o mesmo nível de qualificação e índices para medir o nível de satisfação e expectativas com a profissão. Com isso, pôde-se perceber que há uma realidade na economia que afeta a sociedade, um mero incremento na proporção de mulheres em uma determinada profissão pode levar à sua desvalorização e, portanto, a necessidade de perceber a importância do estudo sobre a Economia feminista na Economia moderna.

Outro estudo que mostra a relevância da Economia feminista é de Marilyn Waring. Em seu trabalho, a autora critica a forma de que são colocados os instrumentos de medidas para a realização de indicadores econômicos. De acordo com ela,

Os limites de conceito sobre o método científico utilizados pelos autores do Sistema de Contas Nacionais se limitam ao mundo masculino. O cuidado de uma criança em instituições é um serviço. O uso de eletricidade, gás, querosene ou carvão comprado no mercado é uma atividade de consumo. O processamento ou de fabricação de produtos comestíveis em uma fábrica é a produção. A água que sai da torneira tem valor de mercado. A visita a um restaurante ou a uma lavanderia é uma atividade econômica. Mas quando uma mulher...faz tudo isso sozinha – é um trabalho doméstico. WARING (1988), pág.91

Um estudo similar sobre a mulher na agricultura da zona dos Pampas em Córdoba, Perno (2012) mostrou que muitas esposas de produtores ajudam o marido nas produções do campo em diversas tarefas não são consideradas como produtoras de acordo com o Censo Nacional Agropecuário Argentino e sim como familiares. Isso mostra como ainda há grandes desafios na Economia, nesse caso, ao que diz a respeito de uma melhor medição do Censo que impacta no PIB, pois neste cenário, a mulher rural nas produções familiares no campo se torna invisível.

Ainda assim, nos estudos mostrados, Blau & Kahn (1997), Bertrand & Hallock (2001), Albrecht et al. (2003), Bayard et al. (2003), Bucheli & Sanroman (2005), Galarza et al. (2006), Madalozzo & Martins (2007), Olivetti & Petrongolo (2008), as mulheres permanecem recebendo salários mais baixos que os homens mesmo quando controlando certas variáveis, como características pessoais e atributos do trabalho.

Mesmo assim, não há um consenso entre os especialistas se a divisão de trabalho do lar por gênero causa a diferença de salários, mas a maioria dos estudos constam que características intrínsecas de cada gênero influenciam de maneira significativa nas diferenças de salário por gênero.

De acordo com os artigos de Deloach & Hoffman (2002), Hersch & Stratton (2002), Moe (2003), Blau et al. (2006), Bryan & Sanz (2007), as interrupções que as mulheres têm durante suas épocas reprodutivas as fazem menos produtivas no mercado de

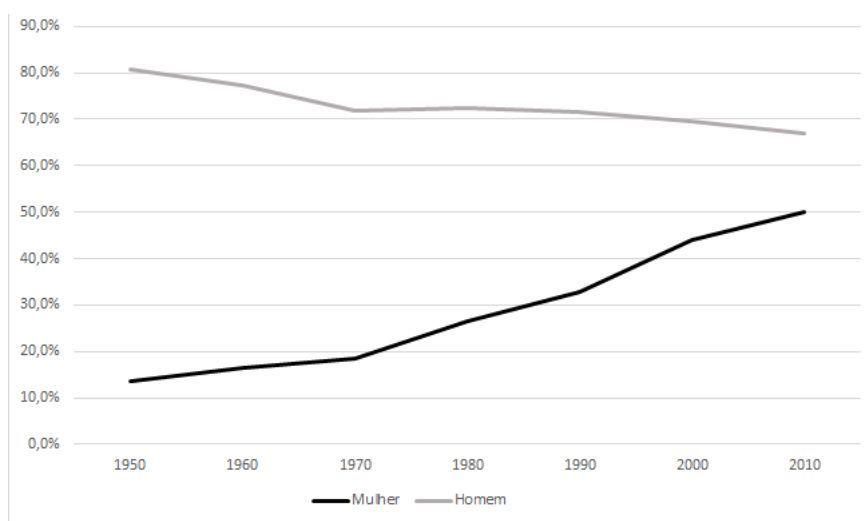
trabalho e por isso, possuem salários menores. Já nos estudos de Waldfogel (1998), Edwards (2006), Bergmann (2008) averiguou-se que as mulheres recebem salários mais baixos decorrentes de benefícios que estão disponíveis apenas para mulheres licença de maternidade. Outra possibilidade está apontada no paper de Easterlin (1995), Macpherson & Hirsch (1995), Miller (2009), no qual as mulheres procuram trabalhar em profissões de menores remunerações comparado aos homens.

Com isso, como avaliado no artigo de Feber (2003), a divisão do trabalho por gênero é impactada uma vez que se torna menos custoso para as mulheres em permanecer mais horas em casa do que os homens. E se ambos homem e mulher forem igualmente produtivos ao mercado, mas o homem receber maior salário que a mulher, então ele tem maior vantagem comparativa para dedicar mais tempo e esforço no mercado de trabalho.

Analisando a participação do trabalho feminino no Brasil, pode-se constatar que o país é bastante desigual em determinados aspectos. Em 2017, o Brasil foi o décimo país mais desigual no mundo, de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH), elaborado pelas Nações Unidas. Também em 2017, teve um índice Gini de 0,549 e de acordo com o índice World Economic Forum's Gender Gap, em 2017, o Brasil esteve em 90º lugar de 144 países em consideração a desigualdade de gênero, com um score de 0,684, mostrando que a desigualdade social é um fato bastante alarmante.

Com o quadro abaixo, observa-se que a participação da mulher no mercado de trabalho no Brasil cresceu de maneira significativa a desde 1950. Pode-se perceber que essa participação teve seu maior aumento a partir de 1990, quase metade das mulheres já estava no mercado de trabalho e esse número só cresceu.

Gráfico 1 – Participação na PEA por gênero – Brasil (1950 – 2010)



Fonte: Censos Demográficos do IBGE – 1950 a 2010

Entretanto, apesar de tudo, a realidade que as mulheres estão no mercado de trabalho, mas ao mesmo tempo mantêm suas obrigações domésticas ainda permanece. Na Tabela 1 abaixo, pode-se observar que em média, os homens dedicam 11,1 horas semanais aos afazeres domésticos, enquanto as mulheres dedicam quase o dobro de horas que os homens, em média de 20,9 horas.

Tabela 1 - Número médio de horas semanais dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos

Características selecionadas	Horas semanais dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos					
	Pessoas de 14 anos ou mais de idade					
	Total		Sexo			
			Homens		Mulheres	
Média	CV (%)	Média	CV (%)	Média	CV (%)	
<b>Brasil</b>	<b>16,7</b>	<b>0,4</b>	<b>11,1</b>	<b>0,5</b>	<b>20,9</b>	<b>0,4</b>
Norte	15,5	1,1	10,5	1,4	19,4	1,2
Nordeste	17,5	0,6	11,0	0,8	21,8	0,6
Sudeste	17,1	0,8	11,4	1,0	21,4	0,8
Sul	16,0	0,7	11,0	0,9	19,9	0,8
Centro-Oeste	15,0	1,2	10,0	1,6	18,9	1,3

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016, consolidado de quintas entrevistas.

Ademais, também é interessante notar na Tabela 2, a jornada total das mulheres é maior que a dos homens. Ou seja, complementando com a Tabela 1, comprova-se que as mulheres, apesar de estarem inseridas no mercado de trabalho, ainda se dedicam às tarefas domésticas. Também, verifica-se que embora as mulheres dediquem em média quase 10 horas a mais que os homens aos encargos do lar, elas têm em média apenas 2 horas a mais da jornada total comparada aos homens, confirmando que estas tendem a dedicar mais às tarefas domésticas do que ao trabalho remunerado.

Tabela 2 - Número médio de horas combinadas no trabalho remunerado e nos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos (carga total de trabalho)

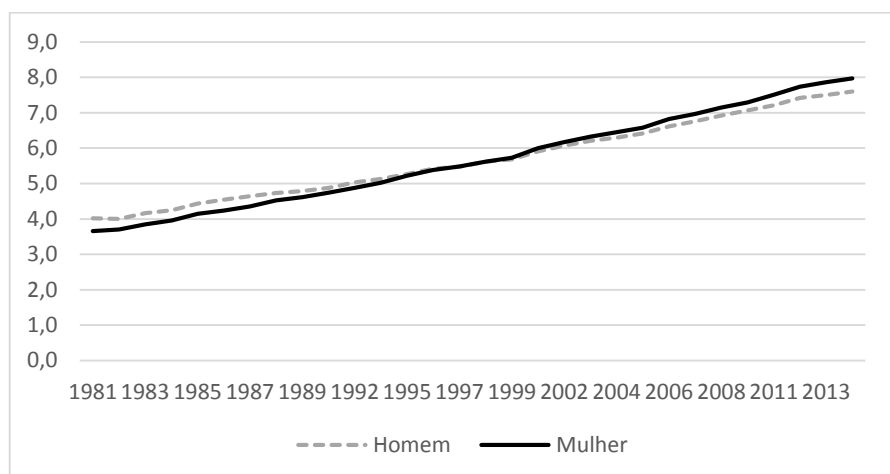
Grandes Regiões	Jornada total					
	Total		Sexo			
			Homens		Mulheres	
	Média	CV (%)	Média	CV (%)	Média	CV (%)
<b>Brasil</b>	<b>52,9</b>	<b>0,2</b>	<b>51,5</b>	<b>0,2</b>	<b>54,4</b>	<b>0,2</b>
Norte	50,6	0,5	49,6	0,5	51,8	0,6
Nordeste	50,9	0,3	49,0	0,3	53,0	0,4
Sudeste	54,1	0,3	52,7	0,3	55,6	0,4
Sul	53,5	0,3	52,6	0,3	54,5	0,4
Centro-Oeste	52,4	0,4	51,6	0,4	53,3	0,5

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016, consolidado de quintas entrevistas.

Em Bruschini (2007), em sua pesquisa, foi constatado que os homens dividem com as mulheres as tarefas domésticas apenas de modo pontual e eventual, como as de manutenção ou de conserto a título de cooperação. O autor também relata que a presença de filhos pequenos é o que mais dificulta a inserção da mulher no mercado de trabalho, uma vez que o cuidado com os filhos é um dos maiores motivos da mulher se dedicar ao trabalho doméstico. Dessa forma, de acordo com o autor, as mães dedicam quase 32 horas do seu tempo semanal nas atividades domésticas, um número muito superior ao da média feminina geral e mais ainda a das mulheres que não tiveram filhos. Esse contexto dá possibilidades para compreender porque que os homens tendem a dedicar mais horas semanais à sua jornada de trabalho principal, enquanto torna-se mais difícil o acesso e a permanência das mulheres no mercado de trabalho.

Na Tabela 3 e no Gráfico 2, percebe-se que as mulheres, a partir de 2001, ultrapassa os anos de escolaridade em relação aos homens, mas apesar disso, a Tabela 4 mostra que as mulheres em média recebem menos que os homens em todos Estados e o estudo a seguir averigua mais profundamente essa disparidade entre os gêneros.

Gráfico 2 – Média de anos de estudo por quem tem 25 anos ou mais – Brasil



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)

Tabela 4 - Rendimento habitual de todos os trabalhos (valores inflacionados para reais médios)

Grandes Regiões	Rendimento habitual de todos os trabalhos				
	Homens		Mulheres		Razão (%)
	Média	CV (%)	Média	CV (%)	
<b>Brasil</b>	<b>2 306</b>	<b>2,7</b>	<b>1 764</b>	<b>1,4</b>	<b>76,5</b>
Norte	1 610	2,3	1 410	2,6	87,6
Nordeste	1 477	2,2	1 286	2,3	87,1
Sudeste	2 784	5,1	1 984	2,5	71,3
Sul	2 508	1,7	1 854	1,6	73,9
Centro-Oeste	2 521	2,3	1 937	2,4	76,8

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016, consolidado de primeiras entrevistas.



### 3. Gênero, Mercado de Trabalho e Setores de Atividade Econômica

A seguir será abordado uma verificação no mercado de trabalho discutindo sobre o salário entre os homens e as mulheres no Brasil, relacionando à educação e entender as eventuais disparidades.

Para isso, os dados serão provindos do PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios) a partir de microdados, pesquisa realizada no Brasil pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A PNAD obtém informações anuais sobre características demográficas e socioeconômicas da população, como educação, trabalho e rendimento e características dos domicílios de todo o território nacional.

Neste trabalho, serão analisados dados do último ano divulgado pela Pnad (em relação aos microdados), que foi em 2015. Com isso, foram obtidos os seguintes resultados das tabelas a seguir.

A Tabela 5 indica a porcentagem de cada gênero para os seguintes setores, sendo eles seu trabalho principal do período de referência. Ademais, a Tabela 6 mostra as porcentagens e diferenças na distribuição de homens das mulheres nas categorias de profissão citadas.

Assim, partindo pelo setor, é possível notar que as mulheres estão em maior porcentagem em comparação aos homens nas esferas relacionadas ao alojamento, alimentação, educação, saúde, serviços pessoais e serviços domésticos, atividades consideradas “femininas”, pois se associam ao cuidado do lar e de pessoas. Já no caso dos homens, eles se destacam nos casos onde eles encontram em maior porcentagem quando comparados às mulheres nos setores agrícolas, industriais, construção, transporte, armazenagem e comunicação, áreas que são consideradas “masculinas” pela sociedade.

Tabela 5 – Distribuição setorial do emprego segundo os gêneros nos setores - 2015

Setor	Mulher (%)	Homem (%)
Agrícola	9,02%	16,46%
Outras atividades industriais	0,27%	1,18%
Indústria de transformação	10,19%	12,29%
Construção	0,77%	15,77%
Comércio e reparação	18,34%	19,02%
Alojamento e alimentação	6,83%	3,83%
Transporte, armazenagem e comunicação	1,66%	8,39%
Administração pública	5,03%	5,75%
Educação, saúde e serviços sociais	18,55%	4,59%
Serviços domésticos	14,55%	0,94%
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	6,15%	2,74%
Outras atividades	8,60%	8,92%
Atividades maldefinidas	0,03%	0,13%

O mesmo ocorre quando se analisa a tabela 6. A porcentagem de homens nas profissões relacionadas a agricultura, produção de bens e serviços e de reparação e manutenção, e forças armadas estão muito mais expressivos. Nota-se que estes serviços que são os que se associam ao “mundo masculino”. Já no caso das mulheres, as profissões ligadas às ciências, artes, serviços administrativos, serviços e de venda e prestação ao comércio tem maior porcentagem quando comparadas aos homens.

Tabela 6 - Grupamentos ocupacionais do trabalho principal segundo os gêneros - 2015

Grupos ocupacionais de trabalho	% homem	% mulher
Dirigentes em geral	5,28%	4,27%
Profissionais das ciências e das artes	6,59%	14,24%
Técnicos de nível médio	6,99%	7,45%
Trabalhadores de serviços administrativos	6,15%	14,18%
Trabalhadores dos serviços	12,36%	31,50%
Vendedores e prestadores de serviço do comércio	8,63%	12,14%
Trabalhadores agrícolas	16,57%	8,99%
Trabalhadores da produção de bens e serviços e de reparação e manutenção	35,83%	6,99%
Membros das forças armadas e auxiliares	1,58%	0,21%
Ocupações maldefinidas	0,02%	0,01%

Com isso, pode-se inferir que há profissões e setores onde há maior porcentagem de homens que mulheres e outros onde a presença da mulher é maior. Isso pode ter acontecido por causa da sociedade, que impõe profissões que são consideradas como femininas e outras masculinas, gerando certas determinações dos papéis de cada gênero. Isso também pode explicar na geração da discrepância na remuneração entre os homens e mulheres, valorizando certos aspectos masculinos e inferiorizando a mão de obra feminina.

Abaixo, na tabela a seguir é possível perceber que os homens têm rendimento médio mensal muito maior que as mulheres em quase todos os grupos ocupacionais, exceto nas forças armadas, um setor masculinizado.

Também na tabela 8 vemos que os homens também têm rendimento médio superior das mulheres em quase todos os setores descritos, exceto no setor de construção. Essa diferença de renda chega a ser bem discrepante em todos os setores. Entretanto, o que chama mais atenção é o setor de construção, que geralmente é tido como masculinizado pela sociedade, mas as mulheres têm maior renda média mensal em comparação ao dos homens, com uma diferença de mais de 30%. Nesse setor de construção, as mulheres encontram-se em números muito abaixo comparado aos homes, as mulheres representam cerca de 0,77% na área enquanto os homens 15,77%. Adiante, averiguaremos o motivo disso.

Tabela 7 - Rendimento mensal em reais por grupamentos ocupacionais do trabalho principal da semana de referência entre homens e mulheres - 2015

Grupos ocupacionais de trabalho	Homem	Mulher
Dirigentes em geral	4.945,57	3.334,71
Profissionais das ciências e das artes	5.273,81	3.185,65
Técnicos de nível médio	2.615,49	1.988,21
Trabalhadores de serviços administrativos	1.721,62	1.339,47
Trabalhadores dos serviços	1.261,58	870,54
Vendedores e prestadores de serviço do comércio	1.398,57	959,12
Trabalhadores agrícolas	843,82	208,01
Trabalhadores da produção de bens e serviços e de reparação e manutenção	1.464,56	937,74
Membros das forças armadas e auxiliares	3.749,59	3.925,58
Ocupações maldefinidas	1.835,81	2.809,78

Tabela 8 - Rendimento mensal em reais por grupamentos de atividade no trabalho principal do período de referência de 365 dias entre homens e mulheres – 2015

Setor	Homem	Mulher
Agrícola	822,17	194,95
Outras atividades industriais	2.930,36	2.852,35
Indústria de transformação	1.723,10	1.007,78
Construção	1.355,95	1.805,77
Comércio e reparação	1.575,95	1.034,24
Alojamento e alimentação	1.397,95	909,84
Transporte, armazenagem e comunicação	1.758,42	1.425,48
Administração pública	3.626,29	2.982,83
Educação, saúde e serviços sociais	3.463,63	2.051,97
Serviços domésticos	945,29	646,68
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1.969,54	1.184,06
Outras atividades	2.737,93	1.861,30
Atividades maldefinidas	783,83	1.058,19

A Tabela 9 mostra a alocação de homens por setor de economia e seus anos de educação. Já a Tabela 10 é a mesma alocação, mas de mulheres.

Ao analisar a Tabela 9 e 10, nota-se no setor de construção, os homens que têm mais de 15 anos de anos de estudo representam apenas 3,36%, enquanto as mulheres representam 24,75%. Neste mesmo setor, percebe-se que as mulheres que têm menos anos de educação estão em números muito menos expressivos comparados aos homens. Ou seja, a mulher de fato tem um salário médio maior que os homens no setor de construção, mas isso acontece porque as mulheres em média estudam muito mais que os homens.

O mesmo ocorre no setor de administração pública, os homens que têm mais de 15 anos de estudo representam 28,94%, enquanto as mulheres estão em 43,23%, apesar do rendimento médio mensal ser inferior ao dos homens.

Tabela 9 - Alocação de homens de 10 anos ou mais de idade por setor da economia e por grupamentos de anos de educação – 2015

Setor	Anos de educação					
	<1	1 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	>15
Agrícola	21,03%	19,99%	32,60%	14,21%	10,54%	1,63%
Outras atividades industriais	3,76%	3,09%	13,21%	13,63%	49,16%	17,14%
Indústria de transformação	3,58%	4,66%	18,42%	20,61%	44,86%	7,87%
Construção	7,87%	10,71%	32,55%	22,95%	22,57%	3,36%
Comércio e reparação	4,21%	4,68%	19,81%	22,73%	42,20%	6,37%
Alojamento e alimentação	5,12%	6,23%	22,23%	25,09%	36,54%	4,79%
Transporte, armazenagem e comunicação	3,70%	5,07%	21,40%	21,76%	42,53%	5,55%
Administração pública	2,17%	2,34%	7,89%	10,35%	48,31%	28,94%
Educação, saúde e serviços sociais	0,90%	1,12%	4,12%	5,75%	39,72%	48,39%
Serviços domésticos	14,08%	13,87%	34,56%	17,02%	19,01%	1,47%
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	2,95%	4,17%	15,37%	18,25%	42,39%	16,88%
Outras atividades	1,87%	2,10%	8,91%	12,23%	45,72%	29,18%
Atividades maldefinidas	10,45%	14,18%	36,57%	19,40%	17,16%	2,24%

Tabela 10 - Alocação de mulheres de 10 anos ou mais de idade por setor da economia e por grupamentos de anos de educação - 2015

Setor	Anos de educação					
	<1	1 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	>15
Agrícola	19,30%	20,10%	33,15%	13,77%	11,78%	1,91%
Outras atividades industriais	0,48%	0,95%	3,81%	8,57%	45,24%	40,95%
Indústria de transformação	3,60%	5,28%	19,99%	19,62%	42,27%	9,24%
Construção	3,80%	2,97%	9,74%	14,36%	44,39%	24,75%
Comércio e reparação	2,52%	2,56%	11,87%	17,72%	56,30%	9,03%
Alojamento e alimentação	4,03%	4,76%	22,80%	24,77%	39,28%	4,35%
Transporte, armazenagem e comunicação	0,69%	1,24%	4,94%	13,98%	59,85%	19,31%
Administração pública	1,17%	1,53%	4,91%	6,18%	42,98%	43,23%
Educação, saúde e serviços sociais	0,86%	0,86%	4,04%	5,66%	43,55%	45,04%
Serviços domésticos	8,00%	9,77%	34,35%	23,48%	22,82%	1,58%
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1,77%	2,00%	13,98%	20,34%	50,37%	11,54%
Outras atividades	1,22%	1,13%	6,38%	9,42%	50,69%	31,15%
Atividades maldefinidas	3,85%	3,85%	19,23%	34,62%	26,92%	11,54%

Nas Tabelas 11 e 12, indicam-se os rendimentos mensais dos setores de homens e mulheres, respectivamente, em cada faixa de educação. Portanto, a partir disso, constata-se que praticamente em todos os setores e com a mesma faixa de anos de estudo, os homens têm em média maior rendimento maior mensal que a das mulheres, comprovando que essas diferenças de rendimento entre os gêneros não se explicam pela diferença de escolaridade.

Tabela 11 - Rendimento mensal de todos os trabalhos em reais para homens de 10 anos ou mais de idade por setor da economia e por grupamentos de anos de educação - 2015

Setor	Anos de educação					
	<1	1 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	>15
Agrícola	523,84	660,29	844,37	939,32	1.509,60	4.511,83
Outras atividades industriais	1.582,20	1.278,12	1.803,31	1.724,99	2.685,93	7.734,87
Indústria de transformação	1.056,39	1.039,79	1.312,48	1.481,35	1.919,32	5.270,47
Construção	1.088,61	1.152,75	1.279,23	1.399,50	1.690,73	5.451,45
Comércio e reparação	1.041,80	1.136,44	1.247,68	1.390,26	1.815,50	4.396,20
Alojamento e alimentação	937,42	956,71	1.204,46	1.299,37	1.688,87	4.407,46
Transporte, armazenagem e comunicação	1.249,53	1.215,17	1.599,64	1.708,25	1.968,24	4.089,26
Administração pública	1.362,48	1.164,57	1.460,50	1.764,35	2.815,35	7.033,81
Educação, saúde e serviços sociais	1.363,49	1.292,86	1.217,47	1.121,28	1.738,65	5.785,98
Serviços domésticos	751,60	913,04	942,29	1.036,92	1.208,73	1.530,71
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1.157,95	974,66	1.254,27	1.426,73	1.948,23	4.507,96
Outras atividades	1.305,24	1.169,68	1.224,52	1.296,04	2.077,34	5.848,56
Atividades maldefinidas	728,00	670,84	660,31	1.200,17	1.035,62	2.250,00

Tabela 12 - Rendimento mensal de todos os trabalhos em reais para mulheres de 10 anos ou mais de idade por setor da economia e por grupamentos de anos de educação – 2015

Setor	Anos de educação					
	<1	1 a 3	4 a 7	8 a 10	11 a 14	>15
Agrícola	82,52	99,18	184,06	209,92	508,95	1.775,70
Outras atividades industriais	800,00	420,00	1.292,25	858,53	2.216,04	5.480,64
Indústria de transformação	611,41	495,30	752,78	914,06	1.171,52	3.029,51
Construção	893,68	577,08	664,15	951,23	1.594,06	4.763,86
Comércio e reparação	670,02	601,87	769,61	926,61	1.212,98	2.421,07
Alojamento e alimentação	794,19	753,93	861,67	937,08	1.133,73	2.364,41
Transporte, armazenagem e comunicação	1.355,56	874,40	916,71	977,88	1.380,48	3.153,69
Administração pública	1.264,81	821,84	1.010,25	997,58	1.879,61	5.098,16
Educação, saúde e serviços sociais	1.008,36	860,71	894,88	992,29	1.380,53	3.271,54
Serviços domésticos	640,31	637,39	719,53	740,16	812,90	935,22
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	1.110,90	564,50	805,76	917,58	1.308,52	2.724,09
Outras atividades	2.561,63	846,24	950,65	942,08	1.450,70	3.818,73
Atividades maldefinidas	400,00	766,00	1.157,60	558,88	714,67	3.933,33

#### 4. Considerações Finais

No Brasil a desigualdade de rendimento entre homens e mulheres no mercado de trabalho é em maior parte diferenciada por sexo, com uma maior presença das mulheres em ocupações precárias, de baixa qualificação, pouco formalizadas e predominantemente no setor de serviços como o do trabalho doméstico.

Além de tudo, é visto que no próprio trabalho doméstico há uma discriminação das tarefas e de rendimentos entre homens e mulheres. As mulheres se sentem menos dispostas a entrarem ou permanecerem no mercado de trabalho, enquanto os homens tendem a dedicar mais ao seu trabalho principal.

Foi verificado que apesar de as mulheres estudarem mais em alguns setores da economia, ainda assim elas possuem uma renda média menor que a dos homens, mostrando que a desvalorização do trabalho feminino ainda é uma realidade que vivemos.

Alguns estudiosos explicam esse fenômeno devido às interrupções das mulheres em épocas reprodutivas, as tornando menos produtivas, outros citam que as próprias mulheres tendem a trabalhar em profissões com menores remunerações comparadas aos homens. Essa discrepância salarial entre os gêneros pode fazer com que o ingresso das mulheres no mercado de trabalho se torne mais custoso comparado aos homens, fazendo com que eles tenham maior vantagem comparativa para dedicar mais tempo e esforço no mercado de trabalho.

Portanto, é um fato que vivemos num ambiente onde há a desigualdade de gênero no mercado de trabalho e a discriminação é a maior barreira enfrentada pela mulher no mundo do trabalho e essas diferenças de rendimento não se explicam pela diferença de escolaridade.



## 5. Referências

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, nº 132, p. 537-572, set/dez 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132>. Acesso em 30/06/2016.

EXAME.COM. Mulheres sofrem discriminação por idade antes que homens. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/mulheres-sofremdiscriminacao-por-idade-antes-que-homens>. Publicado em 28/10/2015. Acesso em 15/7/2016.

FERBER, M. (2003), *A feminist critique of the neoclassical theory of the family*, in 'Women, family, and work: Writings on the economics of gender', Blackwell.

FERBER, Marianne; NELSON, Julie, (1993), *Beyond Economic Man*. Chicago y Londres: University of Chicago Press.

FERBER, Marianne; NELSON, Julie, (2003), *Feminist Economics Today*. Chicago y Londres: University of Chicago Press.

JENNINGS, Ann, (1999), «Dualisms». En: Janice Peterson y Margaret Lewis (eds.), *The Elgar Companion to Feminist Economics*. Cheltenham y Northampton: Edward Elgar.

JUÁREZ JEREZ, Hada; PERONA, Eugenia; CUTTICA, Mariela; MOLINA, Efraín; ESCUDERO, Celeste, (2010), *Feminización de la educación superior en las Ciencias Económicas: un análisis desde la Economía institucional*. Proyecto Secyt 2010-2011, Facultad de Ciencias Económicas, Universidad Nacional de Córdoba.

LAWSON, Tony, (2003), *Reorienting Economics*. Londres y Nueva York: Routledge.

MADALOZZO, R. C.. *Gênero e Desigualdade*. GV Executivo. Getúlio Vargas Executivo. São Paulo, v. 7,n.6, p. 34-38, 2008.

MADALOZZO, R. C.. Occupational segregation and the gender wage gap in Brazil: an empirical analysis. *Econ. Apl.* vol.14 no.2 Ribeirão Preto Apr./June 2010

MADALOZZO, R. C.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L.. Trabalho Doméstico e Participação no mercado de trabalho: mulheres e homens em igualdade de condições?. In: VI Encontro Nacional da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas, 2008, Belo Horizonte. *Enfoques Feministas e os Desafios Contemporâneos*, 2008.

NELSON, Julie, (1995), «Feminism and Economics». *Journal of Economic Perspectives* 9(2): 131-148.

NELSON, Julie, (1996), *Feminism, Objectivity and Economics*. Londres y Nueva York: Routledge.

PERONA, E. La economía feminista y su aporte a la teoría económica moderna. *ESTUDIOS - N° 27 -ISSN 0328-185X* (Enero-Junio 2012) 27-43.

WARING, Marilyn, (1990), *If Women Counted. A New Feminist Economics*. San Francisco: Harper Collins.